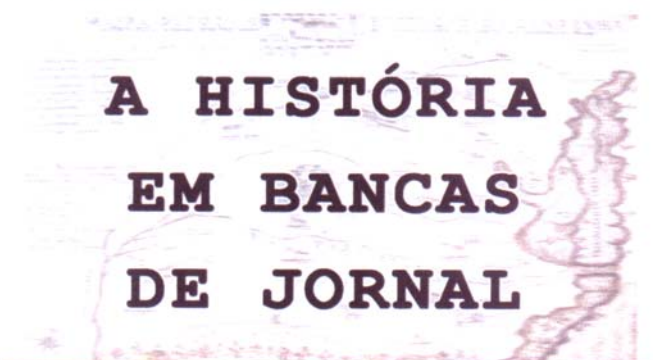




# **ECLÉTICA 2005**

Publicação eventual do Departamento de História/FFLCH/USP



## **A HISTÓRIA EM BANCAS DE JORNAL**

Responsável: Profa Dra. Raquel Glezer  
Monitora PAE - Estágio de Preparação Pedagógica: Silene Ferreira Claro  
Trabalho de curso da disciplina Teoria da História I  
0401 - Noturno - 1º. Sem. 2005.

# A HISTÓRIA EM BANCAS DE JORNAL

Raquel Glezer<sup>1</sup>

## Introdução

As experiências dos professores das disciplinas teórico-metodológicas em curso de História, bacharelato ou licenciatura, podem ser generalizadas, pois usualmente enfrentam incompreensões por parte do alunado e de colegas. Não importam as denominações: Introdução aos Estudos Históricos ou Metodologia da História; Filosofia da História; Teoria da História; História da Historiografia... Afinal, para que elas servem? O que fazem em um currículo sobrecarregado?

As outras disciplinas obrigatórias de um curso de História possuem conteúdo definido por espaços geográficos (América, Brasil, África, Ásia), ou recorte cronológico (História Antiga, História Medieval, História Moderna, História Contemporânea). O recorte cronológico ainda se impõe ao recorte geográfico, apesar dos questionamentos apresentados nos últimos trinta anos, a partir da obra de Chesneaux<sup>2</sup> sobre o uso ideológico da periodização. As disciplinas optativas se organizam por temas, processos explicativos, fontes ou campos historiográficos.

Diversamente, as disciplinas teórico-metodológicas deslocam-se em espaços e tempos variados, pois podem se articular por conceitos, teorias explicativas, formulações teóricas de processos históricos, análises historiográficas de autores, temas relevantes, questões significativas ou momentos marcantes... quase sempre fugindo ao recorte espacial e/ou ao cronológico.

Para os alunos, as disciplinas teórico-metodológicas se apresentam como um conjunto complexo. Têm dificuldade de reconhecer nelas o que conhecem como História, isto é, o campo de conhecimento que aprenderam a reconhecer como tal nos livros didáticos, manuais acadêmicos e livros dos historiadores. As discussões sobre o que são documentos, fatos históricos, fontes, memórias, monumentos, os questionamentos sobre os conceitos nos livros escritos pelos historiadores, ou os debates sobre os usos de cultura material, cultura imaterial, história oral, memória social, micro-história e macro-história, genealogia, memória local se apresentam como complicações do que aparenta ser simples e conhecido.

Qual a finalidade de uma disciplina como Teoria da História no processo de formação de um profissional da história? As reflexões que são propostas aos alunos têm qual finalidade? As respostas podem ser tão múltiplas como o campo: conhecer a História da História; perceber como o campo dos estudos históricos foi formado e quais as transformações que sofreu; aprender a reconhecer os conceitos e as teorias que embasam os trabalhos dos historiadores, identificar os pressupostos da seleção de temas, fatos e dos arranjos dos conteúdos. De forma sintética, reconhecer que o conteúdo da história que encontram nos livros é um produto cultural datado (linguagem, conceitos, preconceitos), da mesma maneira que os textos que produzem em seus trabalhos.

Para nós, professores nestas disciplinas, as questões teóricas devem fundamentar os trabalhos dos historiadores, quer os de pesquisa em campo, não importando o tipo de fonte explorada - arquivística, bibliográfica ou de história oral, quer os de análise historiográfica sobre as obras de historiadores, nas variadas formas que podem assumir.

---

<sup>1</sup> Profa. Titular Teoria da História e Metodologia da História/Departamento de História/FFLCH/USP; e-mail: [raglezer@usp.br](mailto:raglezer@usp.br).

<sup>2</sup> Cf. Jean Chesneaux. *Du passé faisons table rase? : a propos de l'histoire et des historiens*. Paris: F. Maspero, 1976; trad. brasileira *Devemos fazer tabula rasa do passado? Sobre a história e os historiadores*. São Paulo: Ática, 1995.

Tais questões estavam em nosso horizonte de preocupação quando propusemos aos alunos matriculados na disciplina Teoria da História I – 0401 - Noturno, no primeiro semestre de 2005, cujo programa havia sido formulado com o objetivo de possibilitar uma visão panorâmica de algumas formas de reflexão sobre a história até o início do século XX, com aulas teóricas e leituras de textos de alguns autores clássicos, algo a mais: um trabalho empírico, levando em consideração as restrições e limitações aos alunos dos cursos noturnos: biblioteca em horário restrito; arquivos, centros de documentação e museus fechados, nos horários que os alunos poderiam dispor para alguma atividade extra classe.

Que material poderia ser utilizado, que estivesse acessível e cujas informações complementares pudessem ser localizadas por quem cumpre oito horas de trabalho diárias em cinco dias por semana? A nossa proposta foi a de explorar um material recente, visível e de fácil aquisição, que existe e se oferece nas bancas de jornal – as revistas de divulgação de história, em suas múltiplas apresentações e em seus variados níveis de formulação.

Temos a certeza que nem todas as publicações existentes foram exploradas, pois tal não era a intenção da proposta, que tinha como objetivo proporcionar aos alunos quase todas as etapas de um projeto de pesquisa, a partir da seleção de fonte e temas de interesse dos autores dos trabalhos, que foi respeitada, quer pela possibilidade de acesso<sup>3</sup>. Apesar da vasta rede de bancas de jornal existentes na área metropolitana, nem todas contém exatamente o mesmo conjunto de publicações, dependendo do local em que estão e da clientela a que atendem.

### **Em complementação**

Depois dos trabalhos de pesquisa e redação realizados e entregues, na fase de preparação e edição digital para inserção no sítio ([www.raquelglezer.pro.br](http://www.raquelglezer.pro.br)), encontramos na rede algumas referências sobre o mesmo assunto, como a indicação do trabalho de Iniciação Científica na Faculdade Cásper Libero de Marcela Rosa Mastrocola, denominado “Aventuras na História: intermediários culturais, mercado editorial e cultura de consumo”<sup>4</sup>, em nota, sem data, acesso ao texto ou resumo. E o texto de Thathiana Murillo, datado de 05.12.2004, com o título de “*Páginas do passado: o boom das revistas de História*”, no qual a autora traça um histórico das revistas de história de divulgação em vários países e o início de tais periódicos do Brasil, a partir de 2003<sup>5</sup>.

Não consideramos a nossa pesquisa exaustiva e é possível que existam outros estudos sobre o mesmo tipo de material.

---

<sup>3</sup> Os trabalhos, de modo previsível, concentraram-se nas revistas com maior facilidade de acesso: *Nossa História*, *História Viva*, *Aventuras da História*. Outras publicações foram também localizadas e selecionadas pelo interesse dos alunos. Ao menos uma publicação não foi explorada - a *Brasilis*, da editora Atlântica, do Rio de Janeiro, coordenada por Luis Felipe Baeta Neves. Ela era inicialmente vendida por assinatura, e só conhecemos os dois números iniciais. O sumário deles pode ser encontrado no sítio: <http://atlanticaeditora.com.br/>.

<sup>4</sup> No sítio [www.facasper.com.br/cip/iniciativa](http://www.facasper.com.br/cip/iniciativa): “tema: Estudo sobre o fenômeno das revistas de história no contexto da hipermodernidade, com base na análise da publicação *Aventuras na História ...*”; e-mail: [marcelamastrocola@gmail.com](mailto:marcelamastrocola@gmail.com).

<sup>5</sup> Thathiana Murillo. *Páginas do Passado: o boom das revistas de História*, datado de 12.05.2004, no sítio O cisco, <http://www.ocisco.net/thati10.htm>; e-mail [thatianamurillo@uol.com.br](mailto:thatianamurillo@uol.com.br).

## 1. Enfrentar os preconceitos

A seleção do material para ser pesquisado decorreu de sua facilidade de acesso, por um lado. Em nossos dias, a história está nas bancas de jornal, em formas variadas. Está nos jornais diários - que são uma das fontes para a história do tempo presente e para a história contemporânea; nas revistas semanais e/ou mensais de viés informativo ou analítico de variadas tendências políticas; nas coleções de obras clássicas para divulgação – como a coleção ‘Os Pensadores’ ou a coleção ‘Pensadores Brasileiros’. Seleccionamos uma materialidade específica - as revistas de temas históricos, voltadas para o público consumidor não-especializado.

A multiplicidade de periódicos e publicações de assuntos variados nas bancas de jornal é indicativo de alguns processos característicos da sociedade contemporânea pós-industrial: a ampliação do público leitor, decorrente dos processos de urbanização e alfabetização; a ampliação do acesso ao conhecimento; o atendimento pelas empresas editoras de todas as áreas de interesse do público leitor, em suas múltiplas identidades sociais<sup>6</sup>. Este foi o outro elemento fundamental para a escolha do objeto – a possibilidade de captar um fenômeno social ‘quente’, em sua concretização, na vivência do processo, que precisa ser analisado e compreendido. Em nossos dias, a diversificação da mídia impressa, em miríades de pequenas empresas gráficas – algumas das quais de vida curta, ao lado dos conglomerados de empresas gráficas e das de mídias, soma-se ao complexo jogo dos cruzamentos de todas as mídias – imprensa, cinema, televisão, eletrônicas, digitais...

Lembremos também que em nossos dias há associações entre empresas, para atingir determinados segmentos do público, com a criação de marcas novas, ocultando a empresa principal e dificultando o acompanhamento das questões mercadológicas.

Alunos de graduação estão acostumados com a leitura de textos selecionados por professores – capítulos de livros e/ou artigos publicados em periódicos acadêmicos, cujos padrões correspondem aos parâmetros da comunidade científica. Não há a preocupação com o perfil da publicação, pois a responsabilidade de seleção é do professor. A valoração realizada é pela especialidade do autor, respeitabilidade da revista, reconhecimento da instituição que a publica - todos elementos de identificação de comunidade científica e de reconhecimento entre pares.

As próprias revistas acadêmicas se transformaram, no decorrer do século XX, de recurso informativo e quase que exclusivamente erudito, em fontes reconhecidas para os trabalhos historiográficos, e hoje são objetos de pesquisa para análises de conteúdo, que variam conforme as orientações dos campos historiográficos.

Por outro lado, raramente o material de vanguarda do conhecimento, o da ‘literatura cinza’<sup>7</sup> é utilizado, mantendo-se como exclusividade do circuito especializado e restrito dos pesquisadores.

No país, há crescente desenvolvimento do campo de pesquisa sobre a história do livro e da leitura<sup>8</sup>. As revistas de literatura, de educação e as semanais gerais têm recebido

---

<sup>6</sup> Sobre as identidades sociais contemporâneas, ver Serge Moscovici. *Representações sociais*. Investigações em psicologia social. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

<sup>7</sup> Literatura não convencional, conhecida por ‘literatura cinza’ (teses, folhetos, anais, proceedings, relatórios de pesquisas, notas técnicas, indicadores de ciência e tecnologia, preprints, publicações seriadas e trabalhos não publicados). Cf. <http://www.ige.unicamp.br/site>.

<sup>8</sup> Ver: a) sitio: [www.livroehistoriaeditorial.pro.br/](http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/), do I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial, realizado entre 8 e 11 de novembro de 2004, na Casa de Rui Barbosa, na cidade do Rio de

atenção sistemática desde a década de setenta do século XX, vasto material que pode ser encontrado nas bibliotecas. Contudo, são escassos os estudos analíticos sobre as revistas de história no país, com exceção dos estudos sobre o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que utilizam o seu periódico, o mais antigo do país, datado de 1838, mais como fonte sobre a instituição do que como objeto de análise<sup>9</sup>.

A proposta de analisar as publicações encontradas em bancas de jornal foi, por alguns alunos, questionada pelo fato de não ser este um material ‘respeitável’. A desqualificação é devida ao fato de revistas comerciais não terem a mesma estrutura formal dos periódicos acadêmicos, principalmente a revisão por pares. E que os artigos não poderiam ter conteúdo acadêmico e ser resultado de trabalho de pesquisa de historiadores. A maior crítica foi que as revistas comerciais tinham como alvo um público genérico e não-especializado. Afinal, trabalhar com ‘material de divulgação ou vulgarização’ não era um trabalho adequado aos historiadores em formação<sup>10</sup>.

No decorrer da pesquisa, mesmo os alunos mais renitentes acabaram mudando de opinião, pois conseguiram verificar que entre as revistas para o grande público existem níveis diferenciados de informação, apresentação de resultados de pesquisa, debates sobre questões de momento e um trabalho de apresentação ao público de textos escritos por historiadores. O conteúdo apresentado depende do público visado pela revista.

## 2. A popularização da cultura

O fenômeno do público consumidor de produto cultural oferecido em bancas de jornal no Brasil data dos anos sessenta do século XX, quando a Editora Abril<sup>11</sup> lançou edições de obras em fascículos, mas continuou mantendo-se basicamente como uma editora de histórias em quadrinhos infantis e juvenis, e, de publicações românticas destinadas a adolescentes e mulheres jovens, vendidas em bancas. Na área específica da História, a primeira foi a coleção ‘Grandes Personagens da Nossa História’ - biografias de personagens da História do Brasil, em fascículos, com textos escritos por professores de história. E depois, nos anos da ditadura militar, lançou a coleção ‘Os pensadores’-volumes encadernados de obras de autores clássicos da cultura ocidental, que muitas

---

Janeiro; b) sitio da Intercom: [www.intercom.org.br/](http://www.intercom.org.br/), especificamente para os textos resultantes de pesquisa apresentados nos eventos da área: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br>.

<sup>9</sup> Ver, entre outros: Isa Adonias. *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - 150 anos*. Rio de Janeiro: Studio HMF, 1990; Virgílio Correia Filho. Como se fundou o Instituto Histórico. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, 255, 1962; Max Fleiüss. *O Instituto Histórico através de sua Revista*. Rio de Janeiro: IHGB, 1938; Lúcia Maria Paschoal Guimarães. "Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial": o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 156, 388, 1995; Manoel Luís Salgado Guimarães. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC/Vértice, no. 1, 1988, pp. 5-27;-----De Paris ao Rio de Janeiro: a institucionalização da escrita da História. *Acervo - Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, volume 4, no. 1, 1989, pp. 135-144; Lília Moritz Schwarcz. "Os guardiões da nossa história oficial". Os institutos históricos e geográficos brasileiros. São Paulo: IDESP, 1989; ----- . *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993; Arno Wehling. As origens do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 338, 1983, pp. 7-16;----- .Historicisimo e concepção de História nas origens do IHGB. In: ----- (org.) *Origens do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: idéias filosóficas, sociais e estruturas de poder no Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: IHGB, 1989, pp. 43-58.

<sup>10</sup> Apesar dos questionamentos, uma grande parte dos alunos possuía alguns exemplares das revistas de divulgação nacionais e recorreram ao seu próprio material; outros, de forma surpreendente, possuíam exemplares de revistas editadas em outros países, o que aparece em seus trabalhos.

<sup>11</sup> No sítio da Editora Abril está a história da empresa, ver <http://www.abril.com.br/br/conhecendo/>.

vezes estavam recebendo a primeira edição no país, com tradução por professores especialistas no autor ou no assunto, quebrando o preconceito existente contra a compra de livros em bancas de jornal. A série de sucessos editoriais foi interrompida com uma coleção de história do Brasil, a ‘Saga’, que não foi completada. Embora a Editora Abril se apresente como a pioneira na edição de obras de divulgação para o grande público consumidor, apenas atualizou uma forma de divulgação que já existia, a da edição de obras clássicas ou informativas em tiragens maiores que as usuais. Antes dela, existiram outras iniciativas de divulgação e popularização da cultura no país, que ainda não foram devidamente estudadas.

A coleção ‘Tesouro da Juventude’<sup>12</sup>, marco na vida de milhares de jovens leitores, foi difundida por vendedores em muitas das cidades do país, independente de seu tamanho e da existência de livrarias. O mesmo ocorreu com as coleções de obras de história como Cesare Cantú<sup>13</sup>, H. G. Wells<sup>14</sup> e Will Durant<sup>15</sup>.

A Editora Ediouro<sup>16</sup> tinha e ainda tem forte atuação na área da divulgação de autores clássicos, mas seus livros, em pequeno formato e em papel jornal, só podiam ser encontrados em livrarias. Além das citadas, existiram outras coleções de obras literárias destinadas a um público consumidor maior que o tradicional consumidor em livraria: a coleção ‘capa amarela’ de grande formato da Editora Globo de Porto Alegre – hoje Globo Livros<sup>17</sup>, com traduções de obras clássicas e contemporâneas, por intelectuais de renome, e, a coleção Saraiva, da editora do mesmo nome<sup>18</sup>, com volumes de pequeno formato, em papel jornal, que era vendida porta a porta para as famílias interessadas. A Editora Agir<sup>19</sup> também teve uma coleção de clássicos em pequeno formato e em antologia, ‘Nossos Clássicos’.

A estrutura de venda porta a porta que foi desenvolvida na primeira metade do século XX continua ainda em nossos dias, com enciclopédias escolares e coleções de obras informativas em geral.

---

<sup>12</sup> Esta obra teve diversas edições, pela W. M. Jackson Editores, dos anos vinte até os anos cinquenta.

<sup>13</sup> Cesare Cantú. *História universal*. Obra de tanto sucesso que recebeu várias edições, entre outras: a) Rio de Janeiro: Fluminense, 1883; b) Rio de Janeiro: Livraria João do Rio, 1931; c) São Paulo: Américas, 1946. 32 v.; d) São Paulo: Edameris, 1970, ed. resumida.

<sup>14</sup> H. G. Wells. *História universal: da ascensão e queda do império romano até o renascimento da civilização ocidental*. São Paulo: Nacional, 1939. 3 v.

<sup>15</sup> Will Durant. *História da civilização*. São Paulo: Ed. Nacional, 1943. 18 v. A obra teve edições em 1956 e 1967, e em outras editoras. O autor continua sendo editado no país, podendo suas obras ainda serem encontradas em livrarias. Dados sobre sua vasta produção podem ser encontrados no sítio da **Will Durant Foundation**, <http://www.willdurant.com/home.html>

<sup>16</sup> Ver em *Wikipédia, a enciclopédia livre*, sítio: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ediouro>.

<sup>17</sup> Cf. <http://globolivros.globo.com/>; a Rio Gráfica Editora adquiriu em 1986 a Editora Globo. A história sintética da Editora Globo pode ser lida na *Wikipédia, a enciclopédia livre*. Sítio: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Editora\\_Globo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Editora_Globo). Sobre a editora há a indicação do livro de Elisabeth Wenhausen Rochadel Torresini, *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. São Paulo: EDUSP, s.d., na Coleção Memória Editorial.

<sup>18</sup> Ver sítio: <http://sf.editorasaraiva.com.br/port/perfil/historico>; cf. dados da empresa, em 1946 foi lançada a Coleção Saraiva, dirigida por Mário da Silva Brito e Cassiano Nunes, que incluía autores nacionais e internacionais como Machado de Assis, José de Alencar, Menotti del Picchia, Orígenes Lessa, Henry James, Edgar Allan Poe, Herman Melville, ilustrada por artistas de renome, como Aldemir Martins, Darcy Penteadado, Nico Rosso, com traduções de Otávio Mendes Cajado, Décio Pignatari, Nair Lacerda e José Geraldo Vieira. A forma de comercialização era por assinatura, feita por vendedores, com entrega do exemplar publicado mensalmente; vendeu milhares de volumes, pois editou 287 títulos, alguns dos quais com tiragem de até 50.000 exemplares.

<sup>19</sup> Ver histórico da empresa no sítio: <http://www.editoraagir.com.br/historico>; cf. dados, foi adquirida pela Ediouro, em 2002.

Da metade para o final do século XX, as bancas de jornal se tornaram o lugar de exposição da mais ampla variedade de publicações, de todos os assuntos possíveis e imagináveis, para todos os tipos de leitores.

### **3. O contexto**

Há uma explicação corrente para o alto preço dos livros editados no Brasil: a falta de público leitor, pois existem poucas livrarias pelo país e, portanto, poucos leitores. Contudo, as vendas de ‘best-sellers’ desmentem tais afirmações: milhares de livros são vendidos em curto espaço de tempo. Se existissem tão poucos leitores no país, como afirmam as editoras de livros para venda em livrarias, as editoras que lançam seus produtos culturais em bancas de jornal não teriam crescido e multiplicado.

O crescimento das editoras especializadas em publicações para bancas de jornal deve ser relacionado com outros dados: aumento da população, predominância da urbanização, crescimento da escolaridade, aumento da renda familiar, capilaridade dos meios de divulgação de massa pelo país e interligação entre as diversas ‘mídias’.

Dos fenômenos citados, o aumento populacional se destaca: em 1950, a população do país era de 51.949.397, e, em 2000, de 169.799.170 de habitantes<sup>20</sup>. No mesmo período, a população urbana passou de crescente a dominante, decorrência de fatos distanciados no tempo, mas que explicam alguns aspectos do fenômeno: em 1938, todas as sedes de município passaram a ter o título de cidade, não importando a população; nos anos cinquenta a industrialização por substituição de importações e de bens de capital deslocou uma grande parcela da população de áreas rurais para algumas áreas urbanas; e, em 1988, a Constituição passou a permitir maior facilidade para a divisão de municípios e ampliou os repasses do governo federal para os entes municipais, o que possibilitou a expansão numérica deles. Em cada município, mesmo que não exista biblioteca pública ou livraria, obrigatoriamente deve existir escola fundamental básica, e, pode existir uma banca de jornal, mesmo que seja a única na estação rodoviária.

O processo de modernização econômica do país a partir de meados do século XX possibilitou a melhoria da infra-estrutura em transportes e comunicação; a ampliação do processo de escolarização com o objetivo da universalização do ensino fundamental e posteriormente do ensino médio; o emprego em setores que previamente não existiam; o crescimento da massa salarial; o crescimento do mercado educacional para atender a demanda de mão-de-obra mais especializada; o desenvolvimento de redes de comunicação via mídia eletrônica pelo país, que criaram um mercado nacional para determinados produtos, inclusive para os da indústria cultural.

A existência de milhares de aparelhos de televisão pelo país substituiu em grande parte a imprensa escrita como fonte de informação, por um lado, e, por outro, criou um outro mercado produtor e consumidor com a possibilidade de inter cruzamento de mídias. Os produtos culturais da televisão promovem a venda de publicações escritas – sobre ela mesma, os programas, os participantes de suas produções (autores, diretores, atores e outros especialistas). Também algumas produções televisivas, como telenovelas e minisséries promovem publicações escritas – os livros originais, as adaptações, e depois os vídeos, os cds e os DVDs. O lançamento de filmes, nacionais ou estrangeiros, com chamadas em televisão, e com eventual apresentação posterior em horários especiais, também alavanca publicações destinadas ao grande público, informando sobre a obra, roteiro, diretor, atores e outros especialistas. Os temas épicos ou históricos, quando explorados pelas mídias cinematográficas e televisivas, envolvem altos custos de

---

<sup>20</sup> Conforme dados do IBGE, no sítio: [www.ibge.gov.br/](http://www.ibge.gov.br/), em Síntese dos censos demográficos.

produção, que são parcialmente recuperados ou ampliados pelos produtos em paralelo: publicações impressas, vídeos, cds e dvds, além de outros produtos destinados ao público infantil e/ou juvenil, da mesma forma que os filmes de entretenimento.

Se há momentos em que a sociedade ocidental parece esquecer da existência da história, apesar de estar imersa nela, em outros há preocupação com ela. Geralmente, em datas comemorativas de fatos históricos relevantes há a ressurgência do interesse pela história, quer como processo, quer como narrativa. Em determinados momentos, a sociedade como um todo se sente atraída por fatos históricos – em livros com temas históricos, biográficos ou pseudo-históricos; em filmes biográficos, épicos, históricos ou míticos; em docu-dramas históricos ou documentários sobre fatos históricos, reconstituídos com material de época. Não é possível identificar claramente se tal interesse é uma válvula de escape – fuga/refúgio para um tempo mítico de paz e segurança, ou, genuíno, para compreender a sociedade e o momento em que vive. Em nossos dias, no início do século XXI, há retomada da curiosidade por fatos históricos, que aparece tanto nas produções impressas, como nas cinematográficas e nas televisivas. Os motivos que provocam tal interesse podem ser variados: insegurança diante das transformações em curso; dificuldades de compreender a fase histórica em que vive; medo diante do desconhecido; necessidade de reafirmar o conhecido diante de outras propostas de organização social e tantas outras questões possíveis de serem arroladas.

Quanto as motivações que levaram ao lançamento das revistas de divulgação de história no país, Thatiana Murillo utiliza a referência das comemorações dos quinhentos anos do descobrimento como o motivo para o lançamento de tais publicações<sup>21</sup>. A nosso ver, tal explicação não se aplica totalmente – teria pleno sentido se estas tivessem começado a ocorrer no mesmo ano ou no seqüente, o que não ocorreu, pois datam de 2003 em diante. As explicações podem ser procuradas tanto no contexto nacional – a consolidação do processo de urbanização, universalização da educação básica e suas conseqüentes transformações, como no maior acesso a informações internacionais, na divulgação em tempo real pela televisão dos fatos de setembro de 2001, na retomada do ciclo de guerras simultâneas, na sensação de ameaça diante do desconhecido que pode estar se aproximando – elementos que podem ter contribuído para que se concretizasse no país algo de novo, as revistas de divulgação de história. Devemos lembrar que tal tipo de publicação existe em outros países há muitos anos, desde o começo do século XX, mantendo continuidade e possibilitando a divulgação do conhecimento historiográfico a um grande número de pessoas, o que pode ter permitido o crescimento do mercado editorial dos livros especializados em história e das grandes coleções do final do século XX<sup>22</sup>.

---

<sup>21</sup> Ver nota 3.

<sup>22</sup> Além da venda de milhares de exemplares de algumas obras de história como *Le Dimanche de Bouvines: 27 juillet 1214*, de Georges Duby. Paris: Gallimard, 1986, e, *Montaillo, village occitan de 1294 a 1324*, de Emmanuel Le Roy Ladurie. Paris : Gallimard, 1975, pensamos nas coleções como História das Mulheres e História da Vida Privada, que foram sucesso editorial destacado, foram traduzidas no Brasil e inspiraram coleções similares nacionais.



#### 4. Cultura de massa

È muito interessante para o historiador verificar como a conceituação de ‘cultura de massa’ tem sido vista pela sociedade, principalmente em uma proposta como a que fizemos, de explorar uma fonte da cultura de massa impressa, destinada a um público leitor não especializado.

A conceituação da existência de uma ‘cultura de massa’ ou ‘cultura popular’ se opõe a de uma ‘cultura erudita’, mais valorizada porque de ‘melhor qualidade’, mais restrita e limitada aos que a ela têm acesso, por poder aquisitivo e domínio cultural.

A ‘cultura erudita’ é resultante da decantação da produção cultural da sociedade ocidental cristã e é o cânone dos valores culturais - a ‘alta cultura’ é o conhecimento e apreciação dos clássicos na literatura, música, balé, teatro, pintura e escultura, em oposição a uma outra cultura, considerada inferior por não ter o mesmo conteúdo e relevância, produzida e vivenciada no cotidiano pelas pessoas comuns, ‘a cultura popular’, que é muitas vezes confundida com ‘folclore’, em uma concepção conservadora e nacionalista estreita.

Tomada em senso estrito, a concepção canônica de cultura faz com que toda a produção cultural do mundo moderno industrial do século XIX e do pós-industrial do século XX, todos os questionamentos, críticas, leituras e releituras da sociedade contemporânea fiquem fora dos parâmetros estabelecidos.

Mas a produção cultural possui a sua própria dinâmica, riqueza e complexidade, e é indicativa da reflexão e crítica do mundo no qual o indivíduo produtor/consumidor está inserido e vive. Para os artistas contemporâneos, o cânone não é um obstáculo. Na realidade diária da sociedade pós-industrial, todas as artes se libertaram do cânone. A multiplicidade das formas de expressão literária e artística é quase impossível de ser totalmente conhecida em nossos dias. O rádio, o cinema e a televisão se inscreveram no campo da produção e da reprodução cultural, da mesma forma que a imprensa. E o mundo da produção digital está seguindo a mesma trajetória, de modo mais acelerado.

Contudo, a resistência às novas formas de arte e conhecimento ainda é grande. No campo dos estudos humanísticos, o domínio do cânone se manteve por mais tempo. E só no último quartel do século XX ele passou a ser questionado por grupos feministas, étnicos, de culturas minoritárias e pelos pesquisadores pós-modernos, que exigem que a noção de cultura seja mais inclusiva e menos restritiva.

A valorização da oposição entre a ‘cultura erudita’ e a ‘cultura popular’ pode ser entendida como uma atitude socialmente conservadora, a partir da Revolução Francesa, em que o conceito de ‘povo’ para os conservadores e contra-revolucionários era o de uma ‘ameaça’ a seu modo de vida. A preservação dos valores da sociedade estamental encontrou na valorização do cânone apoio e a justificativa de uma concepção de sociedade, a partir de meados do século XIX, quando ‘povo’ e ‘massa’ se tornaram quase que sinônimos de ameaça social.

Nos movimentos revolucionários políticos e sociais dos séculos XIX e XX, uma das propostas mais atraente é a da democratização de acesso de todas as pessoas a todos os bens, políticos e econômicos, a partir da alfabetização universal, e, principalmente aos bens culturais.

A idéia de separação rígida entre a chamada ‘alta cultura’ e a ‘cultura popular’ foi questionada por Bahktin<sup>23</sup> ainda na primeira metade do século XX, e, o tema da circularidade das idéias entre grupos sociais, no final do século XX, encontrou apoio em historiadores da história cultural, como Roger Chartier e C. Guinzburg, entre outros, e, principalmente nos autores pós-modernos.

## Os resultados

Os resultados obtidos foram surpreendentes, para nós e para os alunos. Para nós, pela localização de inúmeras publicações destinadas a suprir a curiosidade do público sobre temas históricos – em níveis de informação diferenciados, desde as mais elementares até as que apresentam resultados de pesquisas acadêmicas, em linguagem acessível ao não-especialista. Nosso ponto de partida para a proposta do trabalho havia sido o conhecimento das revistas *Nossa História* e *História Viva*. Os alunos conheciam algumas outras e localizaram outras tantas, que não eram tão conhecidas, e que aparecem nos textos que seguem. E também pela capacidade demonstrada pelos alunos de pesquisar informações, mesmo as que exigiram contato direto com as editoras e com os editores; analisar conteúdos sob aspectos variados, demonstrando que o processo de formação fragmentada, proposto pelo Departamento de História, apesar da dificuldade de explicitação, está proporcionando ao corpo discente uma formação adequada ao mundo contemporâneo.

Para os alunos, podemos comentar de um lado que com a aprendizagem da prática de pesquisa - seleção de tema, seleção de fontes, coleta de dados, análise de conteúdo, contextualização e redação de um texto sobre a pesquisa e os resultados obtidos, houve a possibilidade de aprender como usar material diferenciado do tradicional (textos de livros e excertos de documentos), experiência que pode ser transmitida a práticas de ensino de história em outros níveis. Por outro lado, esperamos que os mais renitentes tenham aprendido a aceitar a produção cultural da sociedade em que vivem. Consideramos que se há experiência e vivência da postura crítica em relação à formação socioeconômica e cultural em que estão inseridos, a manutenção de preconceitos sobre a ‘cultura de massa’ e a exigência do cânone cultural são elementos contraditórios que precisam ser enfrentados. E o que a nosso ver foi o mais importante: tiveram eles a experiência da apreensão ‘a quente’ de dois conceitos teóricos que marcam a sociedade atual – a da circularidade das idéias na cultura, e, a da fragmentação das identidades sociais. Lembramos ainda que nas análises de conteúdo foram localizadas algumas das teorias de história, que haviam sido apresentadas e discutidas no transcurso das aulas teóricas e das leituras, demonstrando na prática a longa vigência de idéias na cultura e na sociedade.

Os textos que seguem a esta apresentação são todos os trabalhos de curso da disciplina, resultantes das pesquisas e análises dos alunos. Alguns são trabalhos individuais, outros coletivos. Cada um deles representa a trajetória de pesquisa que foi percorrida, os interesses, curiosidades e idiossincrasias dos autores. Não foi realizada a normalização

---

<sup>23</sup> BAHKTIN, M.. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: HUCITEC; Brasília:UnB, 1987.

dos textos e nem estão apresentados os comentários da avaliação. A finalidade da publicação é reconhecer os esforços empregados na pesquisa, o empenho e interesse demonstrado, além de colaborar com outras pessoas que tenham alguma curiosidade sobre o material de divulgação de história impresso disponível em bancas de jornal.

Agradeço a Silene Ferreira Claro, doutoranda no Programa de História Social/FFLCH/USP, linha de pesquisa História da Cultura, monitora da classe no PAE/FFLCH/USP primeira fase, o apoio, as sugestões e a relação estabelecida com a classe, que muito contribuíram para o bom desenvolvimento do curso e das atividades. E a todos os alunos que cursaram a disciplina e que no decorrer do semestre selecionaram o material com que pretendiam trabalhar, defenderam suas escolhas, descreveram as dificuldades encontradas, apresentaram as soluções e os resultados obtidos. Eles se encontraram com o que os pesquisadores em história costumam enfrentar: problemas de acesso a fontes e as informações, impossibilidade de usar o material inicialmente previsto, desconforto com os resultados obtidos, questões que não puderam ser respondidas, e tudo o mais que acontece depois do trabalho escrito e entregue.

Espero que a experiência tenha sido tão proveitosa para eles como foi para nós e que a noção de que estamos imersos na história – mesmo explorando um tema restrito e aparentemente limitado, tenha se tornado mais clara e compreensível. E que a função da disciplina Teoria da História no processo de formação tenha adquirido sentido.  
São Paulo, segundo semestre de 2005.

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**ESTUDO SOBRE A REVISTA HISTÓRIA VIVA NÚMERO 20, SOBRE A  
“REVOLUÇÃO RUSSA”**

**Estudo da revista História Viva número 20  
abordando a temática da Revolução Russa  
apresentado à Professora Raquel Glezer  
pela disciplina de Teoria da História da FFLCH – USP**

**Wiliam Ferreira  
No USP: 5207138**

**São Paulo  
2005**

## 1. Introdução

Revoluções das épocas moderna e contemporânea despertam interesse quando olhamos para as insurreições da América Latina que não culminam com a tomada do poder por parte dos explorados. Nestes últimos séculos o Homem descobre que ele escreve sua história, impõe sua vontade e *não apenas* contempla a natureza e adora aquilo que não compreende a ponto de elevá-lo à categoria de deus, passando a ser aprisionado por suas idéias. A esta nova raça humana não basta compreender o que se passa em seu meio, mas transformá-lo, sobretudo.

As revoluções russas de 1905 e 1917 resultam principalmente da ferrenha autocracia czarista sobre a massa dos explorados, mas também do acúmulo de experiência destes com o restante da Europa e do marxismo que ia-se desenvolvendo naquelas terras que dispunham ainda de um proletariado jovem e ainda concentrado em poucos centros urbanos como o de Petrogrado e Moscou. No caso da segunda, a de 1917, contam com sua própria experiência dada 12 anos antes no que Trotsky chamou de “prólogo” da revolução liderada pelos bolcheviques, por apresentar ali os métodos que levariam à Revolução de Outubro, como a greve geral e a construção dos *soviets* ou conselhos que reuniam o conjunto dos explorados, como operários, camponeses pobres e os soldados de baixa patente que voltaram as armas contra seus generais de outrora.

Por isso esta revolução ganha um sabor especial. Pela primeira vez na história da humanidade o proletariado, e com o campesinato como seu aliado, chega ao poder de fato, e só poderia assim ser pela via revolucionária, pondo em prática toda a teoria revolucionária desenvolvida por Marx e Engels e aperfeiçoada no calor de sua prática por Lênin principalmente e Trotsky. São estas revoluções que aqui serão analisadas, partindo da temática apresentada pela revista História Viva que, em seu número 20, o traz de forma bastante controversa.

### 1.1. Impressões gerais sobre a revista

Em sua capa a revista já dá nítida idéia da abordagem que dará ao mais importante acontecimento do século XX. Em letras garrafais chama a atenção para a temática. Logo acima, em letras ainda reforçadas embora menores, qualifica com três adjetivos o momento vivido pelo povo russo. Abaixo, em letras menores, uma explicação para a idéia acima sintetiza a chegada ao poder e seu curso através do século segundo a ótica da revista a ser discutida aqui.

É marcada por uma imagem que toma toda a capa, o óleo de Kurt Robbel, “Guardas Vermelhas”, sendo dado mínimo destaque para os demais assuntos abordados na revista, ou seja, o peso é jogado para o fundo e o tema “Revolução Russa” e seu subtítulo.

A revista é conhecida por sua abordagem ao alcance de um público que está fora da Academia ou não pertença a uma área afim à História, ou seja, a uma área do saber dentro das *ciências sociais*. Apesar disso, conta com historiadores franceses consagrados em sua escrita, que deve-se principalmente pelo intercâmbio desta revista com outra similar e inspiradora da História Viva.

A escrita é, em geral, de fácil compreensão. No entanto, o tratamento dado à História neste material não é científico, ou seja, suas publicações não possuem os atributos necessários de uma matéria científica, dotado de uma explicação histórica, citação de fonte e metodologia, não possui uma argumentação lógica, não discute problemas, não apresenta de forma trabalhada um fim (esta “lição” dada pela revista aparece de forma muito sutil mas não ;e este explicitamente o seu propósito) e uma relação com o mundo concreto, principalmente em se tratando de um assunto tão recorrente quando o capitalismo em sua fase superior – o imperialismo – aprofunda sua ofensiva contra os povos do planeta, imputando condições de barbárie jamais vistas antes.

É, no entanto, bastante informativa, dispondo de uma sessão que antecede as matérias principais com a cronologia dos fatos e uma razoável explicação sobre cada data.

## **2. Análise de capa e editorial**

### **2.1. Capa**

Conforme fora dito anteriormente, o “tempo” (ou época) da Revolução Russa recebe em uma pequena frase situada acima do título do tema principal três adjetivos, a saber, de “utopia, sonho e esperança”.<sup>1</sup>

Longe de querer mergulhar nas definições destas palavras dentro da Psicanálise ou algo que o valha, é importante tentar entender que idéia passa a ser transmitida pela revista ao trabalhar com a história de uma revolução socialista. Quando Marx – o iniciador do socialismo científico – escreve suas primeiras obras, estas entram em choque direto com o que antes se chamava de “socialismo utópico”. Ao contrário de uma “utopia”, a Revolução de Outubro tratou-se da mais real prática de tudo que havia sido apresentado até então por Marx e durante o transcorrer dos fatos foi-se forjando e aperfeiçoando por Lênin.

Assim, esta idéia corriqueiramente veiculada pela mídia e até por vários setores da esquerda de que as revoluções não mais são possíveis são reforçadas pela suposta “utopia” da revolução russa. No entanto, ela foi real. Por três quartos de século boa parte da população mundial possuiu conquistas sociais nunca sido antes vistas na mais pretensa justa sociedade. As conquistas sociais de Outubro foram mantidas até a queda dos Estados operários do Leste após a restauração capitalista nestes Estados, apesar de ter havido o desenvolvimento da praga da burocracia stalinista que, após várias traições ao proletariado mundial, como a convivência “pacífica” com Hitler, abriu as vias para esta restauração e enterro das conquistas sociais de 1917.

O sonho de Lênin, da mesma forma, com sua realização iniciada no Outubro de 1917 nada tem a ver com o sonho vulgarmente conhecido ou a “utopia”. O sonho que este líder revolucionário nos chama a acreditar é a realização da dialética marxista, ou seja, da teoria-

---

<sup>1</sup> Na capa aparece o título como sendo “um tempo de utopia, sonho e esperança”.

prática-teoria-prática no tratamento dos problemas estruturais [reais]<sup>2</sup>. Assim, qualquer referência à revolução ou a igualdade ou justiça como um sonho é no mínimo um equívoco, se não equívoco, se não quisermos caracterizar como um crime contra a humanidade.

Mas no subtítulo, para alguém que acredite que ser uma injustiça para com a revista, é ainda mais criminoso por apresentar uma visão inteiramente distorcida do que resultou da Revolução Russa.<sup>3</sup> Longe de fazer a defesa de um traidor da revolução como foram Stalin, antes que cheguemos neste ponto, a mentira que frisamos aqui é o fato de dizer que os ideais de “igualdade e justiça” “chegam ao poder” e “varrem o mundo”. O Outubro simbolizava estes ideais, mas atingiu em sua fase já degenerada sob a liderança de Stalin, após a II Guerra Mundial, 1/3 do mundo! Ou seja, nem eram os ideais de “igualdade e justiça” conforme possibilitará o comunismo (que não existiu com e após a revolução) e nem sequer “varreu o mundo”, mas atingiu uma menor parte, até porque foi abandonada por Stalin a premissa principal do socialismo de que só seria devidamente conquistado de forma conseqüente com a revolução mundial. Diferentemente disso, não seria sustentável ou simplesmente não seria “socialismo”, tampouco “comunismo”, se tratando de uma fase superior do socialismo (socialismo a rigor é o povo exercendo sua ditadura e para isso utilizando o Estado como máquina repressora de uma classe).

Agora, como a chegada ao poder dos “ideais de igualdade e justiça” tentar-se-á se discutir aqui, bem como a forma como são abordadas as matérias e o caráter de sua abordagem.

## 2.2. Editorial

A capa diz tanto com tão poucas palavras que o editorial (“Sonho desfeito”) parece-nos não guardar grandes surpresas. No entanto, estes “ideais de igualdade e justiça”, após chegarem ao poder, são “desfeitos: segundo a editora Mirian Ibañez. Mas teriam eles de fato existido ou a revolução havia sido apenas um passo? Em um dos discursos de Lênin cuja referência foge agora logo após a tomada do Palácio de Inverno diz mais ou menos o seguinte: “Uma etapa pequena mas não de menor importância foi cumprida. Temos de tratar agora de combater a ofensiva do inimigo, resolver os problemas econômicos como fazer os alimentos chegarem aos famintos dos diversos pontos do país e iniciarmos nosso desenvolvimento.”

Apesar da imprecisão da referência à preocupação expressa por Lênin, é possível observar que nem mesmo os revolucionários tinham a ilusão de que o problema estava resolvido. Tampouco fomentavam ilusões nas massas. Ao contrário, chamavam-na a seguir adiante com o processo revolucionário de reconstrução da grã-Rússia, para que o “sonho” da “igualdade” e da “justiça” viessem a existir. Assim, conforme é dito no editorial, que “O

---

<sup>2</sup> “Não basta ter belos sonhos para realizá-los. Mas ninguém realiza grandes obras se não for capaz de sonhar grande. Podemos mudar nosso destino se nos dedicarmos à luta pela realização de nossos ideais. É preciso sonhar, mas com a condição de crer em nosso sonho; de examinar com atenção a vida real; de confrontar nossa observação com nosso sonho; de realizar escrupulosamente nossa fantasia. Sonhos, acredite neles.” V.I.Lênin.

<sup>3</sup> “Os ideais de igualdade e justiça da sociedade sem classes chegam ao poder, varrem o mundo e se tornam uma das mais cruéis tiranias do século XX.”

que aconteceu depois não correspondeu ao sonho”, é preciso ser estudado ao longo das matérias da revista.

Para finalizar, a editora chega a almejar que esta ‘utopia’ um dia seja realizada, mas desde que se aprenda com os erros cometidos, muito embora não seja clara *ainda* em relação ao que considera os erros da revolução russa instigando o leitor a descobri-los por conta própria ao longo do *dossiê* apresentado na História Viva.

### 3. A chegada ao poder dos “ideais de igualdade e justiça”

O título da sessão da revista denominada Dossiê logo de cara parece contradizer a idéia da capa muito embora as duas sejam controvérsias. Se na capa a idéia transmitida é de que os “ideais de igualdade e justiça” chegam ao poder mas frustram as esperanças, no título da sessão, em uma frase de duplo sentido, dá margem a entendimento diferente.

O título da sessão “dossiê” diz o seguinte: “Revolução Russa: a utopia do povo no poder”. Seguindo a linha de raciocínio da capa de que os “ideais” haviam alcançado o poder, podemos entender pelo título que a matéria procurará apresentar o momento em que a “utopia” do povo está “no poder”. No entanto, as duas idéias passam a ser conflitantes se o título do dossiê for entendido do ponto de vista de que o povo no poder significa uma “utopia”. Em suma: a utopia, segundo a revista, chegou ao poder ou o poder do povo não é possível conforme fora demonstrado pela História, tratando-se apenas de uma “utopia”?

A introdução de Stéphane Courtois<sup>4</sup> apresenta uma série de problemas para o real entendimento do processo do ponto de vista do tratamento da realidade proposta até pela editora (“A história é feita de fatos”).

Numa simples frase no início de seu texto mostra para quem veio: “o comunismo no poder revelou-se o protótipo de regime autoritário”. Para que isso fosse minimamente verdadeiro, o comunismo precisaria ter existido, idéia esta que já atingiu até a mente dos anti-comunistas (consciência de que o comunismo não existiu). O comunismo não poderia ser autoritário visto que esta é uma característica de chefes de Estado, e o comunismo não pressupõe a existência de Estado, mas sim o socialismo, que conforme já foi dito aqui, pressupõe que sua existência se dê em todo o planeta, coisa que também foi abandonada por Stalin. Ou seja, nem comunismo nem socialismo existiram, e o primeiro não poderia ser entendido como autoritário se nele a democracia é exercida sem uma representação estatal.

O artigo de Arcadi Vaksberg<sup>5</sup>, termina com uma passagem expressa que talvez reflita a idéia da revista do “sonho desfeito”. Diz o seguinte: “(...) qualquer que fosse o resultado das eleições, ele (Lênin) não tinha nenhuma intenção de entregar o poder conquistado, nem dividi-lo com quem quer que fosse. As eleições aconteceram duas semanas e meia depois do *golpe de Estado*. [grifo nosso] (...) Esses resultados [maioria absoluta dos mandatos parlamentares para os socialistas revolucionários] coloca em evidência que o país era a favor de um regime socialista e dos direitos civis de que Lênin fazia tão pouco caso (!), e

---

<sup>4</sup> Segundo a revista, é historiador e polêmico especialista em história do comunismo.

<sup>5</sup> Segundo a revista, é escritor, jornalista e advogado.



não do extremismo leninista ou dos métodos policiaiscos (!! ) e ditatoriais de governo (!!!).”

Ou seja, talvez este seja o “sonho desfeito” para a revista ou o momento em que o pensamento pequeno-burguês da “democracia” – mesmo sem o provimento das necessidades humanas básicas às mais variadas – sejam atendidas. Vale lembrar que a ditadura do proletariado, ou seja, ditadura dos produtores expropriados de seus meios de produção que só têm a negociar sua força de trabalho, era apresentada já na teoria desenvolvida por Marx (ou no socialismo científico) como necessária para a realização da transição para o comunismo. Por desvios pequeno-burgueses invoca-se freqüentemente a “democracia” burguesa, principalmente dos que agem de má-fé para sufocarem a ditadura do proletariado. A Comuna de Paris serviu de lição a Marx e seus sucessores: sem a tomada do poder e exercício da ditadura do proletariado, o inimigo se recompõe e volta a explorar os históricos explorados.

Assim, não se tratou de nenhuma invenção leninista este método tirado pelo autor como “golpe de Estado”. Ainda que Stalin tenha traído a democracia operária instaurada no poder pela Revolução de Outubro sob apoio dos conselhos operários, o método ainda não contestado historicamente como manutenção do poder do proletariado.

#### **4. Considerações finais**

Muitos outros aspectos da revista poderiam ser analisados na revista, pois esta suscita. No entanto, foi optado pelo tema que ainda se trata de mais polêmico no atual momento histórico, até e talvez principalmente para a dita esquerda revolucionária.

#### **5. Referências bibliográficas**

ROSENBERG, Arthur. **História do bolchevismo**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1989.

TROTSKY, Léon. **A história da revolução russa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. 2v.

# **ECLÉTICA - 2005**

**Publicação eventual do Departamento de História/FFLCH/USP.**

## **A HISTÓRIA EM BANCAS DE JORNAL**

### **Créditos:**

#### **Universidade de São Paulo**

Reitor: Prof. Dr. Adolpho José Melfi

Vice-Reitor: Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz

#### **Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas**

Diretor: Prof. Dr. Sedi Hirano

Vice-Diretor: Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini

#### **Departamento de História**

Chefe: Prof. Dr. Modesto Florenzano

Suplente: Profa. Dra. Maria Lígia Prado

#### **Responsável: Profa Dra. Raquel Glezer**

Monitora PAE – Estágio de Preparação Pedagógica: Silene Ferreira Claro

Trabalho de curso da disciplina Teoria da História I – 0401 - Noturno - 1º. Sem. 2005.